

LEGÍTIMA INTERPRETAÇÃO
DA BÍBLIA

LÚCIO NAVARRO

LEGÍTIMA INTERPRETAÇÃO
DA BÍBLIA

CAMPAÑA DE INSTRUÇÃO RELIGIOSA
BRASIL-PORTUGAL
RECIFE
1958

NIHIL OBSTAT.

Recife, 3 de janeiro de 1958.

Padre Daniel Lima.
Censor ad hoc.

Concedemos o IMPRIMATUR.

† *Antônio*, Arcebispo de Olinda e Recife.
Recife, 10-1-1958.

À DOCE E HUMILDE
SEMPRE VIRGEM

MARIA,

cheia de graça (Lucas I-28);
mãe de meu Senhor (Lucas I-43);
bendita entre as mulheres (Lucas I-42);
em quem fez grandes cousas Aquêle que é poderoso (Lucas I-49);
e a quem proclamam bem-aventurada tôdas as gerações (Lucas I-48);

ofereço, dedico e consagro êste livro

O AUTOR

Recife, 8 de dezembro de 1957.

PREFÁCIO

do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

D. ANTÔNIO DE ALMEIDA MORAIS JÚNIOR

A unidade da Igreja vem da própria essência da verdade. A verdade é essencialmente una. A sua realidade necessariamente impõe a adesão da nossa inteligência e do nosso coração. Os princípios ontológicos da nossa razão impõem a permanência da unidade da verdade, em qualquer terreno em que ela se situe. Por isso mesmo, a verdade foge ao relativismo e à dependência. É ela independente do tempo, do espaço e dos homens. Pois, na realidade, a que se reduziria, se ela devesse submeter-se ao capricho dos homens, às modificações dos momentos históricos ou dos lugares do espaço?

É por isso que a verdade não é uma criação da inteligência do homem. Os olhos humanos podem divisar astros na amplidão dos espaços, por si sós ou com o auxílio poderoso dos telescópios; não podem, porém, criá-los nos espaços vazios. Também a mente humana traz, em si, a capacidade para apreender a verdade, mas não pôde criar a verdade.

Nem Deus cria a verdade, sendo Êle a verdade eterna, infinita, absoluta. A densidade metafísica do seu ser é a realidade absoluta e, por isso mesmo, a verdade absoluta. Deus manifesta a verdade. Foi por isso que Jesus Cristo não disse: eu sou o pregador da verdade, mas afirmou: "eu sou a verdade". A própria verdade científica que é aquisição humana (não criação do homem, porém mera descoberta do homem), exige essa unidade intangível, sem o que seria impossível a existência da ciência. A multiplicidade aparente da verdade científica existe enquanto os homens tateiam o terreno das hipóteses. Quando, porém, êles conseguem romper as camadas movediças das hipóteses e tocar a rocha eterna da verdade, a unidade se impõe com uma soberania absoluta.

Nem seria possível construir a ciência sem esse postulado essencial da unidade. Donde se depreende como a verdade religiosa, revelada por Deus, deve exigir essa profunda unidade. Já não se trata apenas desta ou daquela opinião de como se deve prestar a Deus um culto, mas da revelação do próprio Deus, ditando, diretamente ou pelos seus enviados, o modo pelo qual quer ser cultuado pelos homens.

Dêste modo, ninguém pode presumir tenha o direito de escolher a doutrina religiosa, a seu capricho, para servir a Deus.

Só uma religião revestida de tôdas as garantias sobrenaturais da revelação pode seguramente impor ao homem o verdadeiro caminho a seguir.

É coisa tão natural ao nosso espírito, à nossa inteligência, que jamais poderíamos imaginar que a verdadeira religião não implicasse a falsidade de tôdas as outras. Só uma religião pode ser verdadeira e só é verdadeira aquela que conserva, através dos séculos e dos espaços, a mais perfeita unidade doutrinária.

Sob esse aspecto, a Igreja Católica Romana apresenta a fisionomia da mais intangível unidade. Nós que nos acostumamos a contemplar as instituições simplesmente humanas no desenrolar dos séculos, sabemos que jamais puderam conservar essa nota dominante. Até mesmo esse sinal da precariedade das coisas dos homens deveria servir como índice evidente para distinguirmos o que é humano do que é divino.

A história aí está para testemunhar a eterna versatilidade das coisas humanas.

Os sistemas filosóficos nasceram, floresceram e passaram. As hipóteses científicas multiplicaram-se com os mais variados aspectos. A matéria, a vida, as forças cósmicas, desde Demócrito, Leucipo, Epicuro, Anaxágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles até Moleschott, Vogt, Büchner, Haeckel, Meyerson, De Régnon, Mir, Laplace, Faye, Ligondé, Moreux, Lackowski, passaram pelas mais estranhas concepções. Gemelli expõe admiravelmente tôdas as hipóteses sobre a vida no seu belo livro: "Os novos horizontes da biologia", e conhecido sábio moderno reuniu os mais variados aspectos da ciência atual sobre o mundo no seu brilhante estudo — "Da criação à época atômica".

Mas, como poderá a verdade religiosa, revelada por Deus, submeter-se a essa versatilidade contínua, às mutações constantes das coisas humanas? Para que a sua divindade brilhasse, para que sua verdade inconcussa se impusesse à inteligência humana,

era imprescindível que ela permanecesse una e imutável através dos tempos. E é este, sem dúvida, o característico primordial da doutrina da Igreja Católica.

Para quem raciocina, com serenidade, sobre a multiplicação das seitas protestantes, é impossível admitir a verdade do Protestantismo. As suas múltiplas divisões caracterizam essencialmente o erro. No Congresso do Panamá, em 1916, havia representações de 36 seitas existentes na América Latina. Hoje, as estatísticas que possuímos dão a existência de 28 seitas diferentes na Colômbia, 45 seitas diversas no Brasil e 147 na Argentina. A colcha de retalhos de Martinho Lutero, de Calvino, de Ulrico Zuínglio, de Henrique VIII, de Melancton, de Carlostadt, de Ecolampádio, Bucer e Munzer, continua na oficina em que as divisões do orgulho e da ambição humana vão ajuntando ainda outros retalhos.

Não é, pois, de estranhar que o fruto dessa absurda divisão de doutrinas e igrejas seja o ceticismo amargo de milhões de almas. Na Inglaterra, a divisão e contradição protestantes criaram cerca de 44.000.000 de pessoas que dizem "não ter nenhuma religião particular" e, nos Estados Unidos, cerca de 65.000.000 de ateus práticos.

Mas, talvez, mesmo essas múltiplas seitas e divisões se transformem em um grande motivo de proselitismo. Poderíamos afirmar que é mesmo um motivo real, quando lemos na publicação protestante "World Christian Handbook" que, na Colômbia, as seitas lutam, entre si, numa espécie de competição.

Não se pode negar que está havendo uma verdadeira invasão protestante na América. Essa invasão, como diz Damboriena, grande especialista no assunto, pode caracterizar-se por diversos períodos. Primeiro: a vinda ocasional de imigrantes das seitas durante o século XIX até o Congresso do Panamá (1916); segundo: do Congresso do Panamá até o Congresso de Montevideu (1925), com fundações de seminários em cinco nações e editôras protestantes em outros cinco países; terceiro: do Congresso de Montevideu até o congresso de Madras; quarto: do congresso de Madras até o presente. Pelas circunstâncias políticas, as seitas precisavam um novo campo para empregar o seu pessoal e o seu dinheiro.

Escolheram a América Latina. E as estatísticas confirmam o seu tremendo esforço para multiplicar prosélitos no Brasil. Poderíamos, porém, afirmar com o grande apóstolo Eduardo Ospina: "Não tememos o Protestantismo, porque para fazer protestantes

a 150.000.000 de católicos não bastam todos os dólares do mundo, nem mesmo nas mãos de um sectarismo metódico, obstinado e provido de técnica de propaganda. Mas tememos e muito a falta de instrução em muitos católicos. Tememos a ignorância religiosa de não poucos e também a pobreza de nossa gente... Há urgência em atender a esses setores necessitados de auxílio espiritual; o perigo protestante é um novo aviso para trabalharmos mais afim de remediar as necessidades dos nossos irmãos”.

E nos atrevemos a dizer que o ataque protestante à América Latina, como o ataque comunista à humanidade, é um perigo e um castigo providencial, que nos põem em pé e nos impulsionam mais do que nunca para a defesa da Verdade.

Este livro que temos a honra de prefaciá-lo é uma prova evidente do que estamos afirmando. Nossos grandes e sábios polemistas, como Leonel Franca, Nascimento Castro, meu saudoso mestre, Padre João Gualberto, Carlos de Laet e outros, acompanharam os contraditores da verdade nos pontos diretamente atacados. Faltava-nos um livro especializado no assunto, nascido da observação e da experiência diárias, em que fôsem tratadas metódicamente, em linguagem simples, clara e acessível, as objeções formuladas pelos protestantes contra a Igreja Católica. E com imensa alegria vemo-lo surgir em nossa Arquidiocese, escrito por um mestre da língua, como realização apostólica de um sonho que há muito alimentávamos, pois desde que assumimos o governo da Arquidiocese de Olinda e Recife, pelos jornais, pelo rádio, pelas pregações, pelas missões volantes e pelas Missões Gerais do Recife, o que temos procurado é, com sinceridade, lealdade e dedicação, esclarecer os fiéis sobre os erros do Protestantismo.

Eis, portanto, o livro que tanto desejávamos: “Legítima Interpretação da Bíblia”. “Livro nascido — como diz o próprio autor — da observação direta do que é a propaganda protestante no Brasil, apresentando uma refutação minuciosa das doutrinas da Reforma, com argumentação toda baseada em textos bíblicos e em linguagem popular e acessível a todos; servindo assim de amplo esclarecimento para os protestantes, desfazendo as suas confusões e preconceitos, de instrução e adiestramento para os bons católicos, que desejam todos sinceramente estar bem armados e prevenidos para rebater as objeções dos hereges, bem como de preventivo para que não se deixem iludir pelo canto de sereia do Protestantismo”.

Sabemos quanta dedicação esta obra exigiu do seu ilustre autor e quantos óbices se levantaram contra esta notável realização. Acreditamos, porém, que o apoio que lhe demos, desde o primeiro instante, foi um grande estímulo e temos a certeza de que será algo de notável realizado em defesa do Dogma Católico.

Resta-nos, agora, pedir a Deus que abençoe esta grande obra e a faça frutificar em benefício das almas iludidas pelo erro do Protestantismo e fortaleça na fé as que vivem à sombra da única e verdadeira Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Recife, 1.º de fevereiro de 1958.

† ANTÔNIO, Arcebispo Metropolitano de
Olinda e Recife.

PRÓLOGO DO AUTOR

Prezado leitor protestante:

Era muito conceituado, em certa cidade, um professor que ensinava, havia 50 anos. As noções que ele ministrava sobre a matemática, a história, a geografia, a língua vernácula etc, as tinha recebido de outros mestres, ainda mais antigos e tão conceituados como ele, os quais por sua vez também já haviam aprendido de outros preceptores. Mas um dia apareceu um jovem aluno que se rebelou contra o ensino de seu mestre. Não lhe agradava o método usado naquelas aulas, nem concordava com o que nelas se aprendia. Ao seu ver, estava tudo errado. E resolveu abrir uma nova escola, em oposição à do velho e ministrando uma instrução completamente diversa. Mas todo o mundo notou logo que o ensino do jovem revolucionário era completamente desordenado: o moço titubeava, confundia-se, caía em evidentes contradições. Isto serviu apenas para aumentar o prestígio do velho professor, que podia agora dizer com desdém ao seu antagonista: Vá estudar, menino, porque Você ainda não está em condições para abrir uma escola!

O grande navio, pertencente a uma antiga empresa de navegação, singrava os mares em demanda do seu destino, quando o velho comandante foi surpreendido pela revolta de muitos dos passageiros, que o procuraram para protestar. O navio, segundo eles diziam, estava seguindo uma direção completamente errada. Pois eles entendiam também de navegação... Embora lhes faltasse a longa experiência, tinham no entanto em mãos o mesmo livro, os mesmos mapas que serviam de guia ao comandante e a seus auxiliares e tinham chegado à conclusão de que estes estavam redondamente enganados. E diante da recusa do comandante a modificar a sua rota, resolveram em nome da LIBERDADE, abandonar o navio, construir, eles próprios, suas embarcações e seguir o caminho que lhes parecia mais acertado. Boa sorte! — respondeu-lhes o comandante. Mas os passageiros que ficaram a bordo, que tinham confiança na velha empresa, no navio, naqueles que o dirigiam, nem tiveram tempo para ver surgir no seu espírito qualquer sombra de dúvida, porque logo observaram que aqueles que protestaram coalhavam o mar de barcos e barquinhos e barcaças de toda qualidade, mas cada um seguia um rumo diferente...

Esta é precisamente a história do choque entre o Protestantismo e a Igreja Católica. Alguém que esteja de parte observando a luta doutrinária, sem ser nem de um lado nem de outro, ao ver a grita dos pro-

testantes e o entusiasmo com que vivem a citar a Bíblia, pode ainda ficar com uma certa nuvem de dúvida no seu espírito sobre se a Igreja está mesmo em perfeito acôrdo com as Escrituras. Mas, se tiver o cuidado de ver os protestantes, como são, como divergem, como discutem, como titubelam e se contradizem, verá aumentar aos seus olhos o prestígio da Igreja. Ela é como o antigo mestre a rir-se dos ardores do jovem revolucionário ou como o velho comandante a achar graça na cegueira dos barqueiros improvisados. Sim, porque uma coisa está clara à vista de todos: Dizer que alguém está errado é muito fácil, porque falar é fôlego e cada um tem o seu modo de pensar. Mas há também o reverso da medalha: QUEM ACUSA A OUTRO DE ESTAR EM ERRO, TEM A OBRIGAÇÃO DE MOSTRAR COMO É O CERTO. E é aí que se mostra com evidência todo o fracasso do Protestantismo.

Você, caro leitor protestante, está metido nesta balbúrdia de mais de trezentas seitas que ensinam as doutrinas mais diversas. Se, por acaso, os seus correligionários o têm enganado, afirmando que são divergências de muito pouca monta, fá-lo-emos conhecer melhor o que é o Protestantismo e Você verá como estas divergências são profundas, escandalosas e sobre pontos importantíssimos. Gritar que só a sua seita está com a verdade e que tôdas as outras estão erradas, não adianta nem resolve a questão; os elementos de que Você dispõe para conhecer a verdade, são os mesmos de que os milhões de adeptos de outras seitas dispõem também: a Bíblia e o raciocínio humano. A Bíblia é a mesma para todos; e como Você pode garantir que raciocina melhor do que os outros?

Não será o caso de REEXAMINAR agora e confrontar calmamente com a Bíblia esta doutrina católica, que Vocês, protestantes, rejeitaram no século XVI e que vem sendo a interpretação do Livro Sagrado, sempre antiga e sempre nova, tradicionalmente seguida, durante 20 séculos, pelos Santos Padres e Doutôres e teólogos da Igreja?

Pouco importa, no caso, que o seu espírito esteja cheio de preconceitos, que o seu coração esteja abrasado de ódio contra a Igreja Católica. Se assim é, o seu maior desejo é combatê-la, não é verdade? Mas para combatê-la, precisa conhecer melhor a sua doutrina. Nada mais útil para quem vai entrar em luta, do que conhecer bem a fundo o adversário. E no nosso caso, atribuir à Igreja doutrinas que ela nunca ensinou (como, por exemplo, a doutrina de que o homem se salva EXCLUSIVAMENTE pelas suas obras, pelo seu esforço pessoal), querer atacar a Igreja, atribuindo-lhe teorias por ela mesma condenadas, seria ridículo e seria FALTA DE CONSCIÊNCIA e Você é uma pessoa de consciência, pelo menos assim o supomos; pois do contrário pode fechar o livro e já temos conversado.

Sendo Você uma pessoa de consciência, é claro que não virá armado de TRUQUENS, nem de SOFISMAS, nem de CAVILAÇÕES. Nem adianta recorrer a estas armas; o livro mesmo se encarregará de inutilizá-las.

Separar a frase bíblica do seu verdadeiro contexto, para dar a ela o sentido que Você quer, não conseguirá fazê-lo; veremos, nas passagens bíblicas susceptíveis de ser exploradas em sentido errôneo, não só o que disseram Jesus e os Apóstolos, mas também em que ocasião, com que fim, em que sentido o disseram.

Como também não virá com a idéia de apegar-se de unhas e dentes a uns textos, DESPREZANDO E ENTERRANDO OUTROS. A mesma Bíblia que nos ensina que o homem se salva CRENDO EM JESUS (Atos XVI-31), nos ensina que o homem se salva OBSERVANDO OS MANDAMENTOS (Mateus XIX-17). A mesma Bíblia que nos diz que o homem é justificado pela FÉ SEM AS OBRAS DA LEI (Romanos III-28), nos diz igualmente que o homem é justificado pelas OBRAS E NÃO PELA FÉ SÔMENTE (Tiago II-24). Ora nos diz que a pedra angular da Igreja é Jesus Cristo (1.º Pedro II-4 a 6), ora nos diz que Pedro é a pedra sobre a qual Cristo edificou a sua Igreja (Mateus XVI-18). Ora nos diz que o sangue de Cristo nos purifica de todo pecado (1.º João 1-7), ora nos mostra a remissão dos pecados realizada pelo Batismo (Atos II-38) ou pelo poder das chaves conferido aos Apóstolos (João XX-23) ou, até mesmo, pela Extrema-Unção (Tiago V-15). Ora nos apresenta a vida eterna como uma dádiva (Romanos VI-23), ora como um prêmio (1.º Coríntios IX-24 e 25). Tanto nos fala de Cristo como Único Salvador de todos (1.º Timóteo II-5 e 6), como fala do homem salvando a si mesmo e salvando os outros (1.º Timóteo IV-16). Se o ensinaram a interpretar a Bíblia aceitando, nestes contrastes, a primeira parte e desprezando, não tomando em nenhuma consideração a segunda, então lhe ensinaram uma interpretação muito errada, porque, se a Bíblia é tãda ela inspirada por Deus, havemos de aceitar tãda a Bíblia e não andar a fazer escolhas entre textos, para ver sômente os que nos agradam, porque é daí que nascem as seitas, as divergências, as heresias. A própria palavra HERESIA etimologicamente quer dizer ESCOLHA. E mesmo não há homem algum que fique satisfeito, quando dizem que ele não LIGA DUAS, não é verdade? Para que não desmoralizem assim a nossa interpretação, ela tem que conciliar todos êstes pontos e mais outros que à primeira vista parecem inconciliáveis e com a graça de Deus havemos de fazê-lo.

— E, dirá Você, estou de pleno acôrdo. TÔDA A BÍBLIA É SÓ A BÍBLIA.

— Calma, caro amigo. TÔDA A BÍBLIA, isto já está assentado de pedra e cal, porque tãda a Bíblia é palavra de Deus, e a palavra de Deus não pode ser rejeitada. Quanto a dizer só A BÍBLIA, isto não poderemos dizer agora: vamos consultá-la primeiro, estudá-la carinhosamente. Se ela nos disser que só ela é que deve ser ouvida, então aceitaremos o princípio: só A BÍBLIA. Se ela, porém, nos apontar outra fonte de ensino da verdade, teremos que aceitar a esta igualmente, porque não podemos ir de encontro à Bíblia, não acha?

Quanto à tradução portuguesa que usaremos no nosso estudo, não há perigo de Você nos acusar de nos têmos baseado num texto novo, para arranjar as coisas a nosso favor. Usaremos uma tradução muito antiga da Bíblia e muito utilizada tanto pelos católicos como pelos protestantes: a do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Servimo-nos, para maior comodidade, de uma edição da Livraria Garnier; Rio de Janeiro, do ano de 1881. Mas a 1.ª edição saiu em Portugal no século XVIII, portanto numa época em que o Protestantismo não havia ainda penetrado no Brasil. Citaremos sempre à risca o Pe. Pereira, comparando, quando fôr necessário, com o texto original e com outros textos de língua portuguesa tanto católicos, como protestantes. A única altera-

ção que faremos é substituir pelo verbo DAR À LUZ o verbo PARIR que, principalmente quando aplicado ao nascimento de Cristo, pode parecer estranho, indecoroso ou pouco educado aos ouvidos de hoje, embora não o fôsse absolutamente no tempo em que o Pe. Pereira fez a sua tradução.

Finalmente uma última palavra. Vamos estudar a Bíblia com TÔPA SINCERIDADE, não é assim? Pois bem, SINCERIDADE quer dizer o seguinte: se por acaso, pelo nosso estudo, Você depreender que ESTÁ EM ÊRRO (e é coisa do outro mundo um protestante reconhecer que está em êrro? há no Protestantismo doutrinas inteiramente contrárias umas às outras e onde há contradição há êrro, todos sabem disto, porque o mais universal de todos os princípios é que UMA COISA NÃO PODE SER E DEIXAR DE SER AO MESMO TEMPO) se você depreender que está em êrro, como fomos dizendo, não se ponha obstinadamente a querer agarrar-se a argumentos ridículos, nem se limite a dizer displicentemente: "Veremos isto depois", dando como sujeito a discussão aquilo que já está por demais examinado e esclarecido, porque, caro amigo, *nada podemos contra a verdade, senão pela verdade* (2.^a Coríntios XIII-8). E se, por acaso, é pastor, é líder, tem admiradores simples e rudes que confiam na sua doutrinação e Você reconhece agora que lhes ensinou doutrinas errôneas (máxime se foi por escrito) a sua obrigação é retratar-se ENSEINANDO A VERDADE, porque só assim é que pode seguir a Jesus Cristo, que é a própria Verdade. Assim faz todo homem de bem, e com maioria de razão todo seguidor do Divino Mestre.

E sem esta sinceridade ninguém pode ir ao Céu, porque, como diz S. Paulo, Deus retribui *com ira e indignação aos que são de contenda e que NÃO SE RENDEM À VERDADE* (Romanos II-8).

Não há nada mais belo do que o homem curvar-se perante a verdade. Nisto não há desdouro, nem motivo para constrangimento, mas sim uma verdadeira libertação.

Quanto a Você, estimado leitor católico, que vai tranqüilo e sossegado no seu navio, enquanto lá fora as barcas revoltosas se desencontram, pouca coisa temos para lhe dizer. Que este livro lhe sirva para enriquecer o conhecimento de Cristo e de sua Religião, e o ajude a rebater ainda melhor os ataques e as objeções dos hereges protestantes, são estes os nossos sinceros votos.

Lucio Navarro.

N. B. — Deixamos aqui a expressão do nosso profundo reconhecimento ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Filipe Conduru, DD. Bispo de Parnaíba, e aos Rev.^{mos} P.^{es} Marcelo Pinto Carvalho e Zefirino Barbosa Rocha, que, após lerem algumas partes do nosso trabalho (quando este ainda estava datilografado), se dignaram fazer-nos críticas e sugestões muito interessantes.

L. N.

PRIMEIRA PARTE

A SALVAÇÃO PELA FÉ

CAPÍTULO PRIMEIRO

DESMANTÊLO E DESEQUILÍBRIO DA TEORIA PROTESTANTE

A TESE DO PASTOR.

1. Bem se pode imaginar com que ânsia, emoção e contentamento o nosso amigo, pastor protestante, se aproximou do microfone, para fazer a sua dissertação pelo rádio, naquele dia. Tratava-se de uma mensagem sensacional, que ele pensara em transmitir. O seu objetivo era nada mais, nada menos que dar uma bonita rasteira em tôdas as religiões do mundo, sem respeitar nem sequer a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, ficando de pé exclusivamente a doutrina dos protestantes. Para isto, idealizou o jovem e fervoroso pastor a argumentação seguinte:

Tôdas as religiões ensinam que o homem se salva pelas suas próprias obras; o Protestantismo, ao contrário, ensina que o homem se salva pela fé. Ora, sabemos que a Bíblia é a palavra de Deus revelada aos homens; palavra infalível, porque Deus não pode errar. E a Bíblia em inúmeros textos afirma que o homem se salva pela fé. Logo, se vê pela Bíblia que o Protestantismo é a única religião verdadeira, e assim está refutada a doutrina perigosa (perigosa, sim, foi o que disse o pastor, e é o que dizem, em geral, os protestantes) a doutrina perigosa de que o homem alcança a salvação pelas suas obras.

TEXTOS EVANGÉLICOS.

2. Não vamos aqui logo repetir todos os textos citados pelo pastor em abono de sua tese, porque temos que analisá-los cuidadosamente mais adiante (capítulos 4.º a 8.º), não só os apresentados por ele, senão também outros alegados pelos seus colegas sobre o mesmo assunto. Queremos apenas dar ua amostra de como os textos eram mesmo de impressionar o desprevenido ouvinte que não tivesse um conhecimento completo da verdadeira doutrina do Evangelho. Veja-se, por exemplo, o seguinte trecho do Evangelho de S. João: *Assim amou Deus ao mundo, que lhe deu a seu Filho Unigênito, para que todo o que crê NÊLE NÃO PEREÇA, MAS TENHA A VIDA ETERNA, porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por êle. QUEM NÊLE CRÊ NÃO É CONDENADO, MAS O QUE NÃO CRÊ JÁ ESTÁ CONDENADO, porque não crê no nome do Filho Unigênito de Deus (João III-16 a 18)*

Textos como estes que asseveram tão abertamente — quem crê em Jesus se salva, quem não crê se condena — seriam suficientes para convencer qualquer pessoa: 1.º se não fôsse tão ímpio, tão absurdo, e, portanto, tão indigno dos lábios de Jesus o que se quer provar com eles, ou seja, a doutrina de que, para o homem salvar-se, basta que tenha fé em Cristo e nada mais; 2.º se não houvesse outros textos, igualmente claros, dos Evangelhos, para nos provar a necessidade das boas obras para a conquista do Céu, como este por exemplo: *Bom Mestre, que obras boas devo eu fazer para alcançar a vida eterna?... SE TU QUERES ENTRAR NA VIDA, GUARDA OS MANDAMENTOS* (Mateus XIX-16 e 17).

CONCILIAÇÃO DOS TEXTOS.

3. É claro que fazer uma boa interpretação da Bíblia não consiste em aferrar-se alguém a uns textos, desprezando, esquecendo, refugando, pondo de lado outros, igualmente valiosos: tudo quanto está na Bíblia é palavra de Deus. A interpretação imparcial, conscienciosa, legítima, procura harmonizar inteligentemente os textos das Escrituras. El é bastante tomar na devida consideração as duas afirmativas — quem crê em Jesus se salva, quem não crê se condena — para entrar na vida eterna, é preciso guardar os mandamentos — para se chegar à conclusão de que para a salvação eterna, tanto é necessária a fé nas palavras de Cristo, como a obediência aos mandamentos divinos. É o que nos ensina a Igreja Católica, a qual não afirma que o homem se salva só pelas obras, como queria fazer crer o nosso amigo, pastor protestante, baseando a sua argumentação em que tôdas as religiões assim o ensinam; segundo a teologia católica, a fé no ensino de Cristo que nos é apresentado é também indispensável. Vê-se logo por aí quanto a doutrina da Igreja é desconhecida, até mesmo por aqueles que arduosamente a combatem. Temos, portanto, que expor (e o faremos no capítulo seguinte) a doutrina católica sobre o assunto, máxime porque ela fala de um terceiro elemento, importantíssimo e igualmente indispensável à salvação, como seja, o auxílio da graça de Deus; explicado este ponto, se esclarecem muitos textos das Escrituras que tanta confusão provocam na cabeça dos protestantes.

PERANTE A LÓGICA E A BIBLIA: O CASO DOS PAGÃOS.

4. Basta igualmente esta palavra de Cristo — *se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos* (Mateus XIX-17) — para mostrar que, se o Protestantismo se distingue de tôdas as religiões do mundo ensinando que o homem se salva só pela fé e não pelas obras, isto não é sinal de que seja a única Religião Verdadeira; é sinal, apenas, de que ensina uma coisa que evidentemente está contra a lógica e o bom senso.

Este princípio estabelecido por Jesus Cristo — guardar os mandamentos, para salvar-se — vigora em tôdas as religiões, porque é também um imperativo da razão humana, e a razão, assim como a fé, procede de Deus, nosso Criador. A Humanidade viveu milhares de anos antes de

Jesus Cristo vir a este mundo e, durante todo esse tempo, excetuando o povo judaico, pequenino povo que tinha a revelação dada por Deus a Moisés e aos profetas, tôdas as nações da terra estavam imersas no paganismo, desconhecendo as verdades da fé. Mesmo depois da vinda de Jesus Cristo, quantos milhões e milhões de pessoas tem havido e ainda há, como por exemplo entre budistas, bramanistas, confucionistas, maometanos, índios selvagens etc, que sem culpa nenhuma sua, desconheciam ou ainda desconhecem a revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo! Podiam ou podem estes homens salvar-se?

Sim, sem dúvida alguma, porque não é admissível que Deus os condenasse a todos irremediavelmente ao inferno, se eles não tinham culpa nenhuma em desconhecer a revelação cristã. Mas salvar-se como? Seguindo o que Cristo disse: *Se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos* (Mateus XIX-17). E aqui perguntará o leitor:

— Se os mandamentos foram revelados aos judeus por intermédio de Moisés, e as religiões pagãs não conheciam esta revelação, como podiam admitir este princípio: — guarda os mandamentos, se queres salvar-te? Conheciam por acaso estes mandamentos?

— Conheciam, sim; embora não tão perfeitamente como nós os conhecemos. Porque estes mandamentos, Deus os gravou no coração do homem. Honrarás pai e mãe, não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho, não desejarás a mulher de teu próximo etc, são leis que se impõem a todos os homens pela voz imperiosa de sua consciência. Se a Religião tem por fim o aperfeiçoamento moral do homem e a sua união com Deus, esta união, este aperfeiçoamento não se realizam senão quando ele obedece à voz da consciência, que é a própria voz de Deus falando a sua alma, a seu coração. Só assim podia (ou pode ainda hoje) o pagão que nunca ouviu falar de Cristo, agradar a Deus e, agradando a Deus pelas suas obras, conseguir a salvação.

— Mas, dirá o protestante, esta história da possibilidade de se salvarem os pagãos, pode-se provar pelas Escrituras?

— Perfeitamente. Abra-se a Epístola de S. Paulo aos Romanos. Lemos aí que Deus *há de retribuir a cada um segundo as suas obras; com a VIDA ETERNA, por certo, aos que, perseverando em fazer obras boas, buscam glória e honra e imortalidade; mas com ira e indignação aos que são de contenda e que não se rendem à verdade, mas que obedecem à injustiça. A tribulação e a angústia virá sobre toda a alma do homem que obra mal, ao judeu, primeiramente, e ao grego; mas a GLÓRIA E A HONRA E A PAZ será dada a todo o obrador do bem, ao judeu, primeiramente, e ao grego; porque não há para com Deus aceção de pessoas* (Romanos II-6 a 11). O grego, a que se refere aí S. Paulo, em contraposição ao judeu, é o gentio, o pagão, o que não conhecia a lei de Moisés. Deus não tem aceção de pessoas: todo o que opera o bem recebe a vida eterna, seja judeu, seja gentio. Porque, como diz em continuação o Apóstolo S. Paulo, se os judeus tinham uma lei escrita dada por Deus e os gentios não a tinham, o que interessa a Deus não é que se ouça a lei que foi dada por Ele, mas sim que se pratique o que ordena esta mesma lei. E o gentio, cumprindo a lei que estava escrita no seu coração, se podia tornar também justificado diante de Deus. Vejamos as palavras do Apóstolo: *Não são justos diante de Deus os que ouvem a lei; mas os*

QUE FAZEM O QUE MANDA A LEI SERÃO JUSTIFICADOS; porque, quando os gentios que não têm lei, fazem naturalmente as cousas que são da lei, esses tais, não tendo semelhante lei, a si mesmos servem de lei, os quais MOSTRAM A OBRA DA LEI ESCRITA NOS SEUS CORAÇÕES, dando testemunho a eles A SUA MESMA CONSCIÊNCIA (Romanos II-13 a 15).

— Mas perguntará alguém: Não diz a Bíblia que sem a fé é impossível agradar a Deus? Como podiam esses pagãos agradar a Deus sem a fé?

— A dificuldade é muito fácil de resolver. Na mesma ocasião em que diz a Bíblia — ser impossível sem a fé agradar a Deus — mostra imediatamente qual o programa mínimo de fé que é exigido desses que não cheguem a ter conhecimento da revelação divina; dêles-se exige apenas que creiam o seguinte: que existe um Deus e que este Deus recompensa os bons. Vejamos o texto: *Sem fé é impossível agradar a Deus; porquanto é necessário que o que se chega a Deus creia que há Deus e que é remunerador dos que O buscam* (Hebreus XI-6). Se eles estavam ou estão, sem nenhuma culpa sua, na ignorância de muitas outras verdades da fé, Deus se contenta com este mínimo: crer na existência de um Deus Remunerador; é o bastante para se aproximarem de Deus.

Portanto, se as religiões pagãs que existiram antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo ensinavam que seus adeptos podiam conseguir a recompensa divina mediante as suas obras, se as religiões pagãs ainda hoje existentes ensinam que os seus seguidores (que não têm suficiente conhecimento da doutrina de Jesus Cristo) se salvam pela maneira digna e correta de proceder, essas religiões podem ter lá os seus erros graves em matéria de doutrina, mas NESTE PONTO têm ensinado uma coisa certa, confirmada por S. Paulo, quando afirmou que os gentios se salvam obedecendo à lei que está escrita em seus corações (Romanos II-15). O caminho do Céu para eles é este mesmo. Agora, se de fato foram muitos ou foram poucos os que procederam corretamente e obedeceram a esta lei, isto já é outra questão. O homem tem a sua liberdade; pode usar dela bem ou mal. Infelizmente a tendência desta nossa corruta Humanidade é mais para usar mal do que para usar bem; porém tinha que haver para os pagãos, assim como para os cristãos (falamos, é claro, dos pagãos de boa fé) algum direito, alguma possibilidade de salvar-se. Do contrário Deus seria injusto, não seria bom para todos os homens que O temem. *Bem-aventurados todos os que temem ao Senhor, os que andam nos seus caminhos* (Salmos CXXVII-1). E o pagão que não recebeu as luzes da revelação cristã, mas crê na existência de um Deus Justiceiro, embora erre, por ignorância invencível, sobre a própria natureza da Divindade, não tem outro meio para mostrar que teme o Senhor e que quer andar nos seus caminhos, senão obedecendo fielmente aos ditames da sua própria consciência.

PERANTE A LÓGICA E A BÍBLIA: O CASO DOS CRISTÃOS.

5. Passemos agora às religiões cristãs, que admitem a revelação feita por Nosso Senhor Jesus Cristo. Se elas ensinam que "o homem se salva pelas obras", estão ensinando uma coisa certa ou errada? Isto

depende do sentido que se queira dar à frase. Se se toma no sentido de que o homem se salva exclusivamente pelas suas obras, desprezando-se a fé, como a desprezam aqueles que dizem "Tôdas as religiões são boas, vem a dar tudo na mesma coisa; minha religião consiste em fazer o bem", a doutrina está errada. Foi precisamente para combater este erro, para mostrar que era preciso submeter humildemente a inteligência a tôdas as verdades por Ele reveladas, que Jesus Cristo tanto insistiu em dizer que — quem crê nEle se salva, quem não crê se condena. Mas, se se toma num sentido que não exclua a obrigação de crer e se leva em conta a absoluta necessidade da graça para a realização das boas obras, a frase tem um sentido legítimo e verdadeiro, perante a razão e perante a Bíblia.

Senão, vejamos. Os cristãos, ou aqueles que têm conhecimento da doutrina cristã, Nosso Senhor veio ao mundo para dispensá-los da observância dos mandamentos, impondo-lhes unicamente a obrigação de crer? Absolutamente não! porque é o próprio Cristo quem diz: *Se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos* (Mateus XIX-17). Absolutamente não! porque ninguém está dispensado de obedecer à voz da consciência, de cumprir esta lei que está escrita no coração humano, se quiser conseguir o Céu. Foram abolidas tôdas as cerimônias e prescrições da lei mosaica, mas o Decálogo ficou de pé, porque é a lei eterna, que rege a alma do homem, é a fonte de toda a moral, de tôdas as leis.

O que acontece com o cristão é que, tendo um conhecimento mais vasto das coisas de Deus, dos preceitos e da vontade divina, a observância dos mandamentos lhe abre novos horizontes. Tem maiores obrigações e responsabilidades, desde que por sua vez recebeu maiores luzes, mais abundantes graças e tem mais facilidade para salvar-se. *A todo aquele a quem muito foi dado, muito lhe será pedido* (Lucas XII-48). Ele sabe que o grande mandamento da lei é este: *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento* (Mateus XXII-37). Bem como, conhece pelo Evangelho as palavras de Jesus Cristo. Ora, não estará amando a Deus com todo o seu entendimento, se não crer nas palavras do Divino Mestre. Logo, a obrigação de crer nas palavras de Jesus, que são palavras de Deus, pois Jesus Cristo é Deus, já está incluída na lei; observa os mandamentos. Porque não posso amar a Deus e, ao mesmo tempo desacreditar a sua palavra. E quando Jesus lhe diz que quem crê nEle se salva, quem não crê se condena, o cristão sabe que tem que aceitar tôdas as palavras de Jesus; logo, não pode desprezar a verdade que está contida nestas palavras: *Se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos* (Mateus XIX-17). Veja-se, portanto, que equilíbrio, que lógica se encerra na doutrina católica! Os mandamentos incluem a obrigação da fé em Cristo, e a fé em Cristo traz como consequência a obrigação dos mandamentos.

DESEQUILÍBRIO DA DOCTRINA PROTESTANTE.

6. Comparemos isto com o desequilíbrio da doutrina dos protestantes. Nós lhes apresentamos um número incalculável de pagãos que existiram antes de Cristo ou que existem ainda hoje (milhões dos quais têm adorado

APÊNDICE

LISTA DOS PAPAS

(desde S. Pedro até os nossos dias)

| | | | |
|---|----------|--------------------------|----------|
| Pedro Apóstolo governou a Igreja até o ano de 67, quando foi martirizado. | | Inocêncio I | 401- 417 |
| | | Zósimo | 417- 418 |
| | | Bonifácio I | 418- 422 |
| | | Celestino I | 422- 432 |
| | | Sisto III | 432- 440 |
| | | Leão I (Magno) | 440- 461 |
| | | Hilário | 461- 468 |
| | | Simplicio | 468- 483 |
| | | Félix II | 483- 492 |
| | | Gelásio I | 492- 496 |
| | | Anastácio II | 496- 498 |
| | | Símaco | 498- 514 |
| | | Hormisdas | 514- 523 |
| | | João I | 523- 526 |
| | | Félix III | 526- 530 |
| | | Bonifácio II | 530- 532 |
| | | João II | 533- 535 |
| | | Agapito I | 535- 536 |
| | | Silvério | 536- 540 |
| | | Vigílio | 540- 555 |
| | | Pelágio I | 556- 561 |
| | | João III | 561- 574 |
| | | Bento I | 575- 579 |
| | | Pelágio II | 579- 590 |
| | | Gregório I (Magno) | 590- 604 |
| | | Sabiniano | 604- 606 |
| | | Bonifácio III | 607 |
| | | Bonifácio IV | 608- 615 |
| | | Deusdedit | 615- 618 |
| | | Bonifácio V | 619- 625 |
| | | Honório I | 625- 638 |
| | | Severino | 640 |
| | | João IV | 640- 642 |
| | | Teodoro I | 642- 649 |
| | | Martinho I | 649- 655 |
| | | Eugênio I | 655- 657 |
| | | Vitalino | 657- 672 |
| | | Adeodato | 672- 676 |
| | | Dono | 676- 678 |
| | | Agatão | 678- 681 |
| | | Leão II | 682- 683 |
| | | Bento II | 684- 685 |
| Lino | 67- 79 | | |
| Anacleto | 79- 90 | | |
| Clemente I | 90- 99 | | |
| Evaristo | 99- 107 | | |
| Alexandre I | 107- 116 | | |
| Sisto I | 116- 125 | | |
| Telésforo | 125- 136 | | |
| Higino | 136- 140 | | |
| Pio I | 140- 154 | | |
| Aniceto | 154- 165 | | |
| Sotero | 165- 174 | | |
| Eleutério | 174- 189 | | |
| Vitor I | 189- 198 | | |
| Zefrino | 198- 217 | | |
| Calisto I | 217- 222 | | |
| Urbano I | 222- 230 | | |
| Ponciano | 230- 235 | | |
| Antero | 235- 236 | | |
| Fabiano | 236- 250 | | |
| Cornélio I | 251- 253 | | |
| Lúcio I | 253- 254 | | |
| Estêvão I | 254- 257 | | |
| Sisto II | 258 | | |
| Dionísio | 259- 268 | | |
| Félix I | 269- 274 | | |
| Eutiquiano | 275- 283 | | |
| Caio | 283- 296 | | |
| Marcelino | 296- 304 | | |
| Marcelo | 308- 309 | | |
| Eusébio | 309- 310 | | |
| Milciades | 311- 314 | | |
| Silvestre I | 314- 335 | | |
| Marcos | 336 | | |
| Júlio I | 337- 352 | | |
| Libério | 352- 366 | | |
| Dâmaso I | 366- 384 | | |
| Sirício | 384- 398 | | |
| Anastácio I | 398- 401 | | |

| | |
|---------------|-----------|
| João V | 685- 686 |
| Cônon | 686- 687 |
| Sérgio I | 687- 701 |
| João VI | 701- 705 |
| João VII | 705- 707 |
| Sisínio | 708 |
| Constantino I | 708- 715 |
| Gregório II | 715- 731 |
| Gregório III | 731- 741 |
| Zacarias | 741- 752 |
| Estêvão II | 752 |
| Estêvão III | 752- 757 |
| Paulo I | 757- 767 |
| Estêvão IV | 768- 772 |
| Adriano I | 772- 795 |
| Leão III | 795- 816 |
| Estêvão V | 816- 817 |
| Pascoal I | 817- 824 |
| Eugênio II | 824- 827 |
| Valentino | 827 |
| Gregório IV | 828- 844 |
| Sérgio II | 844- 847 |
| Leão IV | 847- 855 |
| Bento III | 855- 858 |
| Nicolau I | 858- 887 |
| Adriano II | 887- 872 |
| João VIII | 872- 882 |
| Marino I | 882- 884 |
| Adriano III | 884- 885 |
| Estêvão VI | 885- 891 |
| Formoso | 891- 896 |
| Bonifácio VI | 896 |
| Estêvão VII | 896- 897 |
| Romano | 897 |
| Teodoro II | 897 |
| João IX | 898- 900 |
| Bento IV | 900- 903 |
| Leão V | 903 |
| Sérgio III | 904- 911 |
| Anastácio III | 911- 913 |
| Lando | 913- 914 |
| João X | 914- 928 |
| Leão VI | 928 |
| Estêvão VIII | 929- 931 |
| João XI | 931- 935 |
| Leão VII | 936- 939 |
| Estêvão IX | 939- 942 |
| Marino II | 942- 946 |
| Agapito II | 946- 955 |
| João XII | 955- 963 |
| Leão VIII | 963- 965 |
| Bento V | 965 |
| João XIII | 965- 972 |
| Bento VI | 973- 974 |
| Bento VII | 974- 983 |
| João XIV | 983- 984 |
| João XV | 985- 996 |
| Gregório V | 996- 999 |
| Silvestre II | 999-1003 |
| João XVII | 1003 |
| João XVIII | 1004-1009 |
| Sérgio IV | 1009-1012 |
| Bento VIII | 1012-1024 |

| | |
|----------------|-----------|
| João XIX | 1024-1032 |
| Bento IX | 1032-1044 |
| Silvestre III | 1045 |
| Gregório VI | 1045-1046 |
| Clemente II | 1046-1047 |
| Dâmaso II | 1048 |
| Leão IX | 1049-1054 |
| Vítor II | 1055-1057 |
| Estêvão X | 1057-1058 |
| Nicolau II | 1059-1061 |
| Alexandre II | 1061-1073 |
| Gregório VII | 1073-1085 |
| Vítor III | 1087 |
| Urbano II | 1088-1099 |
| Pascoal II | 1099-1138 |
| Gelásio II | 1118-1119 |
| Calisto II | 1119-1124 |
| Honório II | 1124-1130 |
| Inocêncio II | 1130-1143 |
| Celestino II | 1143-1144 |
| Lúcio II | 1144-1145 |
| Eugênio III | 1145-1153 |
| Anastácio IV | 1153-1154 |
| Adriano IV | 1154-1159 |
| Alexandre III | 1159-1181 |
| Lúcio III | 1181-1185 |
| Urbano III | 1185-1187 |
| Gregório VIII | 1187 |
| Clemente III | 1187-1191 |
| Celestino III | 1191-1198 |
| Inocêncio III | 1198-1216 |
| Honório III | 1216-1227 |
| Gregório IX | 1227-1241 |
| Celestino IV | 1241 |
| Inocêncio IV | 1243-1254 |
| Alexandre IV | 1254-1261 |
| Urbano IV | 1261-1264 |
| Clemente IV | 1265-1268 |
| Gregório X | 1271-1276 |
| Inocêncio V | 1276 |
| Adriano V | 1276 |
| João XXI | 1276-1277 |
| Nicolau III | 1277-1280 |
| Martinho IV | 1281-1285 |
| Honório IV | 1285-1287 |
| Nicolau IV | 1288-1292 |
| Celestino V | 1294 |
| Bonifácio VIII | 1294-1303 |
| Bento XI | 1303-1304 |
| Clemente V | 1305-1314 |
| João XXII | 1316-1334 |
| Bento XII | 1334-1342 |
| Clemente VI | 1342-1352 |
| Inocêncio VI | 1352-1362 |
| Urbano V | 1362-1370 |
| Gregório XI | 1370-1378 |
| Urbano VI | 1378-1389 |
| Bonifácio IX | 1389-1404 |
| Inocêncio VII | 1404-1406 |
| Gregório XII | 1406-1415 |
| Martinho V | 1417-1431 |
| Eugênio IV | 1431-1447 |
| Nicolau V | 1447-1455 |

| | |
|----------------|-----------|
| Calisto III | 1455-1458 |
| Pio II | 1458-1464 |
| Paulo II | 1464-1471 |
| Sisto IV | 1471-1484 |
| Inocêncio VIII | 1484-1492 |
| Alexandre VI | 1492-1503 |
| Pio III | 1503 |
| Júlio II | 1503-1513 |
| Leão X | 1513-1521 |
| Adriano VI | 1522-1523 |
| Clemente VII | 1523-1534 |
| Paulo III | 1534-1549 |
| Júlio III | 1550-1555 |
| Marcelo II | 1555 |
| Paulo IV | 1555-1559 |
| Pio IV | 1559-1565 |
| Pio V | 1566-1572 |
| Gregório XIII | 1572-1585 |
| Sisto V | 1585-1590 |
| Urbano VII | 1590 |
| Gregório XIV | 1590-1591 |
| Inocêncio IX | 1591 |
| Clemente VIII | 1592-1605 |
| Leão XI | 1605 |
| Paulo V | 1605-1621 |
| Gregório XV | 1621-1623 |

| | |
|----------------|-----------|
| Urbano VIII | 1623-1644 |
| Inocêncio X | 1644-1655 |
| Alexandre VII | 1655-1667 |
| Clemente IX | 1667-1669 |
| Clemente X | 1670-1676 |
| Inocêncio XI | 1676-1689 |
| Alexandre VIII | 1689-1691 |
| Inocêncio XII | 1691-1700 |
| Clemente XI | 1700-1721 |
| Inocêncio XIII | 1721-1724 |
| Bento XIII | 1724-1730 |
| Clemente XII | 1730-1740 |
| Bento XIV | 1740-1758 |
| Clemente XIII | 1758-1769 |
| Clemente XIV | 1769-1774 |
| Pio VI | 1775-1799 |
| Pio VII | 1800-1823 |
| Leão XII | 1823-1829 |
| Pio VIII | 1829-1830 |
| Gregório XVI | 1831-1846 |
| Pio IX | 1846-1878 |
| Leão XIII | 1878-1903 |
| Pio X | 1903-1914 |
| Bento XV | 1914-1922 |
| Pio XI | 1922-1939 |
| Pio XII | 1939 |

ÍNDICE ANALÍTICO

(em que se mencionam os números marginais)

- ADORAÇÃO — noção de adoração e latria, adoração propriamente e imprópriamente dita n.º 382; adoração em espírito e verdade, qual é o verdadeiro adorador n.º 383.
- ADVENTISTAS — como se originou esta seita n.º 237.
- AMOR DE DEUS — é indispensável para a salvação n.º 70; manifesta-se pela observância dos mandamentos n.º 71.
- AMOR DO PRÓXIMO — o amor ao próximo, mesmo aos inimigos, é indispensável para a salvação n.º 72.
- ANJOS — os anjos sabem o que se passa na terra n.º 375.
- APÓSTOLOS — a primazia de Pedro entre os Apóstolos n.ºs 151 a 157; os Apóstolos haveriam de ter sucessores n.º 351.
- BATISMO — necessidade do Batismo para as crianças n.ºs 20 e 268; disposições necessárias para o batismo dos adultos n.º 21; batismo de desejo e batismo de sangue n.º 22; o batismo de João e o de Cristo n.º 275; efeitos do Batismo n.ºs 274 a 281; batismo de imersão e de infusão n.º 282; os efeitos do Batismo e o caso de Cornélio n.º 284; a que está reduzido o Batismo em muitas seitas protestantes n.º 287.
- BATISTAS — os Batistas e a certeza da salvação n.º 102.
- BÍBLIA — dificuldades para a exata interpretação da Bíblia n.ºs 201 a 209; ação da Providência na interpretação das Escrituras n.º 202; nem tudo está na Bíblia n.º 213; o livre exame leva às maiores extravagâncias em matéria de exegese n.ºs 215 a 221; divergências entre os protestantes sobre o conceito de inspiração da Bíblia n.º 243; não havia livre exame na Igreja Primitiva n.º 263; a Bíblia não é a única regra de fé n.º 366.
- BISPOS — os Bispos são sucessores dos Apóstolos n.ºs 358 e 359.
- CELIBATO ECLESIASTICO — está de acordo com o espírito do Cristianismo, conforme o ensino de Jesus e de S. Paulo e nada há contra ele na Bíblia n.º 211.
- CONCÍLIOS — qual a finalidade que têm as decisões dos Concílios Ecumênicos n.º 367.
- CONFISSÃO DOS PECADOS — sua necessidade n.º 291; suas vantagens n.º 292; uso da confissão na Lei Antiga n.º 293; a confissão UNS AOS OUTROS n.º 295; confissão pública e confissão auricular n.º 296; a confissão em uso entre os primeiros cristãos n.º 296; a confissão e o "Perdoa-nos as nossas dívidas" do Padre Nosso n.º 297.
- CO-REDENTORA — em que sentido alguns escritores católicos chamam assim a Maria SS.ª n.º 16.
- CULTO DAS IMAGENS — utilidade das imagens n.º 380; diferença entre ídolo e imagem n.º 381; o culto das imagens e o texto dos 10 mandamentos na Lei Antiga n.ºs 385 a 389; por que a Bíblia não fala em culto das imagens n.º 390; as imagens através dos séculos da era cristã n.º 391.
- CULTO DOS SANTOS — o corpo místico de Cristo e a legitimidade do culto dos santos n.º 379.
- DIÁCONOS — sua instituição e suas funções n.º 355.
- DOMINGO — por que o domingo e não o sábado é o dia de descanso dos cristãos n.º 194.
- DOCTRINA — diferença entre a doutrina e as questões disciplinares n.º 363.

ESTILO ABREVIADO DA BÍBLIA — vários exemplos n.º 70, 74, 80, 83, 139, 294.

EUCARISTIA — como se deve entender a promessa de vida eterna para aqueles que comungam n.º 83; divergências entre os protestantes a respeito da presença real de Jesus na Eucaristia n.º 235; a multiplicação dos pães, figura do mistério eucarístico n.º 299; a presença real de Jesus na Eucaristia, provada no capítulo 6.º de S. João n.º 298 a 317; por que motivo se dá a comunhão sob uma só espécie n.º 307; o cordeiro pascoal, figura da Eucaristia n.º 318; a presença real de Jesus na Eucaristia, provada pelas palavras da instituição na Última Ceia n.º 318 a 322; a Eucaristia não é mero memorial n.º 323; teria Cristo comungado? n.º 326; a Eucaristia é um real e verdadeiro sacrifício n.º 345 a 348.

EVANGELHO — o que quer dizer pregar o Evangelho n.º 68 e 260; como se deu a propagação do Evangelho n.º 258 a 260; o ensino do Evangelho nos nossos dias n.º 261; a pregação católica e a protestante n.º 262.

FÉ — a obrigação de fé está incluída na obrigação dos mandamentos n.º 5; é errônea a noção de fé que têm os protestantes n.º 8 e 9, 60 a 69; necessidade da graça para a fé n.º 26; o verdadeiro sentido da salvação pela fé n.º 57 a 85; a fé é uma virtude distinta da esperança e da caridade n.º 60; como deve ser a nossa fé: viva, sincera, coerente n.º 75; a fé nos salva porque é o nosso médico a nos preservar as demais virtudes n.º 76; a fé como ponto de partida para a salvação n.º 77; salvar-se pela fé ou salvar-se pelos mandamentos é um caminho só n.º 78; a doutrina de S. Paulo sobre a salvação pela fé n.º 85; a vocação para a fé é um dom gratuito n.º 131; necessidade da fé para a salvação n.º 138; a fé nasce no coração n.º 139; justificação pela fé e pelos sacramentos n.º 270; os protestantes não creem em Jesus Cristo n.º 364; diferença entre questões de fé e questões disciplinares n.º 368.

GRAÇA — divide-se em graça santificante e graça atual n.º 126; a graça santificante é uma participação da natureza divina n.º 12; antes de Cristo já se recebia a graça de Cristo n.º 18; necessidade da graça para o cumprimento da lei divina n.º 24; necessidade da graça para qualquer obra meritória n.º 25; necessidade da graça para a fé n.º 26; distribuição desigual das graças n.º 27 e 103; a todos é dada uma graça suficiente para a salvação n.º 28; a ação humana é entrelaçada com a ação da graça n.º 29 e 30; que quer dizer graça primeira n.º 33; a graça pode aumentar n.º 34; tanto a graça santificante como a atual são necessárias para a salvação n.º 127; a passagem do estado de pecado para o de graça santificante, ou seja, a graça primeira nos é concedida gratuitamente n.º 128 a 134; a existência da graça sobrenatural é negada por muitos protestantes n.º 228.

HADES — o que significa esta palavra n.º 166.

HÓSTIA — o que quer dizer esta frase: *não resta mais hóstia pelos pecados* (Hebreus X-26) nota no fim do n.º 338.

IGREJA — significação do princípio: Fora da Igreja não há salvação nota ao n.º 6; as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja n.º 165 e 166; desde a época apostólica a Igreja de Cristo vem sendo chamada Igreja Católica n.º 167; quem vem a ser "dize-o à Igreja" n.º 187 a 190; julgamento de questões na Igreja n.º 190; legitimidade e conveniência dos mandamentos da Igreja n.º 193 a 199; o papel da Igreja na interpretação das Escrituras n.º 201; a Igreja é a coluna e firmamento da verdade n.º 264.

IMAGENS — utilidade das imagens n.º 380; diferença entre ídolo e imagem n.º 381.

IMORTALIDADE DA ALMA — é negada por muitos protestantes n.º 230.

INFERNO — sentidos da palavra "inferno" na Bíblia n.º 166; a existência do inferno é negada por muitos protestantes n.º 231.

INTERCESSÃO DOS SANTOS — velha experiência dos católicos sobre a intercessão dos santos n.º 376.

INVOCÇÃO DO NOME DO SENHOR — em que sentido salva n.º 81.

INVOCÇÃO DOS SANTOS — vem dos primeiros tempos da Igreja n.º 378.

JESUS CRISTO — a aceitação de Jesus Cristo só como Salvador é muito mesquinha e incompleta n.º 8 e 9; Jesus é o Único Salvador n.º 15; o que Jesus mereceu por nós n.º 17; em que sentido Jesus pagou por todos nós n.º 19; a divindade de

Jesus Cristo e os Socinianos n.º 218; a divindade de Jesus Cristo é negada por muitos protestantes n.º 226; em que sentido Jesus é o Único Mediador n.º 372 a 374.

JUDAIZANTES — a questão dos judaizantes n.º 117.

JUSTIÇA DE DEUS — Deus retribuirá a cada um segundo as suas obras n.º 35; não se pode exaltear a misericórdia de Deus negando a sua justiça n.º 340.

JUSTIFICAÇÃO — a remissão dos pecados é uma purificação real e interna e não uma mera não-imputação n.º 32; que quer dizer justificação pela fé sem as obras da lei n.º 110 a 125; justificação pela fé e pelos sacramentos n.º 270.

LATRIA — noção de adoração e de latria n.º 382.

LEI — o que vêm a ser lei natural n.º 111, lei mosaica n.º 112, lei de Cristo n.º 113; o que se entende por obras da lei n.º 115.

LIVRE ARBITRÍO — foi negado por Lutero n.º 42; é ensinado claramente na Bíblia n.º 53.

LIVRE EXAME — impraticabilidade do livre exame n.º 201 a 209; a razão humana com o livre exame é capaz dos maiores absurdos e extravagâncias n.º 215 a 221; fracasso do livre exame n.º 248; a Bíblia não autoriza o livre exame n.º 252 a 255; abraçamos a fé, não pelo livre exame, mas pela humilde submissão à Igreja n.º 256 a 264; o livre exame não estava em uso entre os primeiros cristãos n.º 263.

LUTERO — seu drama íntimo n.º 40 e 41; negava o livre arbítrio n.º 42; ensinava uma salvação sem arrependimento n.º 45; suas idéias sobre a justiça de Deus n.º 50.

MANDAMENTOS DA IGREJA — não são contrários aos mandamentos divinos, antes ajudam a melhor observá-los n.º 193 a 199; primeiro mandamento: ouvir missa n.º 194; segundo mandamento: a participação da Eucaristia n.º 195; terceiro mandamento: a confissão anual n.º 196; quarto mandamento: o jejum e a abstinência n.º 197 e 198; quinto mandamento: pagar dízimos n.º 199.

MANDAMENTOS DE DEUS — seu conhecimento é inato ao homem n.º 4; para cumprí-los é necessária a graça n.º 24; a observância dos mandamentos é necessária para a salvação n.º 70; o amor de Deus se manifesta pela observância dos mandamentos n.º 71; Jesus Cristo refundiu e aperfeiçoou os dez mandamentos n.º 389.

MARIA SANTÍSSIMA — em que sentido é chamada co-redentora n.º 16; opinião de alguns protestantes a respeito do culto à Maria n.º 238 e de sua virgindade perpétua n.º 239; legitimidade do nosso amor e veneração à Mãe de Jesus n.º 379; o que pensavam os Santos Padres sobre a virgindade perpétua de Maria SS.ª n.º 392; Maria SS.ª foi virgem antes do parto, no parto e depois do parto n.º 394; resposta às objeções contra a virgindade perpétua de Maria SS.ª n.º 396 a 400.

MEDIADOR — diversos sentidos desta palavra; em que sentido Jesus é o nosso Único Mediador n.º 372 a 374.

MÉRITO — o que o homem pode merecer n.º 33; o princípio do mérito não pode ser merecido n.º 128.

OBRAS — Deus retribuirá a cada um segundo as suas obras n.º 35; diferença entre boas obras e obras da lei n.º 115; a salvação depende também das nossas obras n.º 143.

ORAÇÃO — sob que condições a nossa oração alcança o seu efeito n.º 82; a promessa sobre a eficácia da oração em nada impede a intercessão dos santos n.º 377.

PAGÃOS — podem salvar-se, caso estejam de boa fé n.º 4; não há possibilidade de salvação para os pagãos na teoria da salvação só pela fé n.º 6; regeneração das crianças pagãs n.º 20.

PECADO — S. Paulo enumera vários pecados mortais n.º 23; há pecados mortais e pecados veniais n.º 340; Jesus confere aos Apóstolos o poder de perdoar pecados n.º 287 a 289.

PECADO ORIGINAL — consiste na privação da graça santificante n.º 13.

PELLAGIANISMO — em que consiste; foi condenado pela Igreja n.º 24.

PODER DE LIGAR E DESLIGAR — é recebido por Pedro n.º 170; é recebido pelos demais Apóstolos, mas isto em nada destrói os plenos poderes de Pedro sobre a Igreja n.º 189 e 190; que relação há entre o poder de ligar e desligar e o poder de perdoar pecados e retê-los n.º 288.

PODER DE PERDOAR OS PECADOS E RETÊ-LOS — não se trata de questões disciplinares n.º 289; foi um poder concedido aos Apóstolos, não a toda a Igreja n.º 290.

PRESBITEROS — suas atribuições; eram distintos dos diáconos n.º 357; presbíteros que estão num plano superior aos demais presbíteros n.º 358.

PRIMADO DE S. PEDRO — Pedro era o primeiro dos Apóstolos n.º 151; era Pedro que falava sempre em nome do colégio apostólico n.º 152; atenções especiais dispensadas por Cristo a S. Pedro n.º 154; a primazia de Pedro n.º 151 a 157; Simão recebe o nome de Pedro n.º 158; Pedro, pedra fundamental da Igreja n.º 159; Cristo é pedra e Pedro é pedra n.º 161; Pedro recebe a incumbência de confortar os seus irmãos n.º 162; Pedro teve sucessores n.º 164; Pedro recebe as chaves do Reino dos Céus, com o poder de ligar e desligar n.º 169 e 170; Cristo constitui a Pedro pastor de todo o seu rebanho n.º 171 a 177; o silêncio de Marcos e a modéstia de Pedro n.º 186; o incidente entre S. Pedro e S. Paulo n.º 118 e 157; a disputa sobre o maior e o primado de Pedro n.º 178 a 180; a questão dos 12 tronos e o primado de Pedro n.º 181 a 184; lista dos sucessores de S. Pedro, ou seja, catálogo dos Papas, no Apêndice, pág. 587.

PROTESTANTISMO — a doutrina protestante não apresenta um remédio eficaz para os males morais do mundo n.º 7; divergências no seio do Protestantismo n.º 225 a 243; falsidade do Protestantismo n.º 249; os protestantes não crêem em Jesus Cristo n.º 364.

PURGATÓRIO — é admitido por alguns protestantes n.º 232; existência do purgatório n.º 340.

QUENOTICISMO — rigoroso e mitigado n.º 226.

REDEÇÃO — a promessa do Redentor n.º 14; qual o sentido da Redenção operada por Cristo n.º 17 e 19.

REINO DOS CÉUS — duplo sentido da expressão Reino dos Céus n.º 179.

SACRAMENTOS — sacramentalismo está claramente ensinado na Bíblia n.º 148; divergências entre os protestantes sobre a noção e o número dos sacramentos n.º 233; justificação pela fé e pelos sacramentos n.º 270; os sacramentos e o sacrifício da Cruz n.º 271; os sacramentos produzem efeito ex opere operato n.º 273.

SACRIFÍCIO — os sacramentos e o Sacrifício da Cruz n.º 271; noção geral de sacrifício n.º 331; quatro finalidades dos sacrifícios n.º 332; que valor tinham os sacrifícios da Antiga Lei n.º 333; por que motivo se renova na Santa Missa o Sacrifício da Cruz n.º 337; a Eucaristia é um real e verdadeiro sacrifício n.º 345 a 348.

SALVAÇÃO — o verdadeiro sentido da salvação pela fé n.º 57 a 85; vários sentidos do verbo salvar n.º 88; a salvação neste mundo ainda pode perder-se n.º 91; a salvação depende também de nossas obras n.º 143; é falso que a salvação seja dada inteiramente de graça n.º 144; o salvo pratica a virtude para ser salvo n.º 145.

SANTÍSSIMA TRINDADE — é negada por muitos protestantes n.º 225.

SANTOS — o culto dos santos vem dos primeiros tempos da Igreja n.º 378; o culto dos santos e o corpo místico de Cristo n.º 379.

SEMIPELAGIANISMO — em que consiste e onde foi condenado n.º 26.

TRADIÇÃO — não só a Escritura é regra de fé, mas também a tradição n.º 201; nem tudo está na Bíblia n.º 213; são infantis os argumentos com os quais pretendem provar os protestantes pelas Escrituras que só se deve admitir o que está na Bíblia n.º 256 (nota).

VIDA ETERNA — duplo conceito de vida eterna: vida eterna = glória, vida eterna = graça n.º 89.

VIRGINDADE PERPÉTUA DE MARIA SANTÍSSIMA — opinião de alguns protestantes sobre o assunto n.º 239; o que pensavam os Santos Padres n.º 393; resposta às objeções contra a virgindade perpétua de Maria SS.ª n.º 396 a 400.

VISÃO BEATÍFICA — em que consiste; está acima da nossa natureza n.º 11; a ciência dos santos na visão beatífica n.º 375.

ÍNDICE DOS TRECHOS DA BÍBLIA MAIS LARGAMENTE COMENTADOS

(mencionam-se os números marginais)

| | |
|--------------------------------------|-------------------------------------|
| Êxodo XX-3 a 5: n.º 385 a 389. | João V-39: n.º 251. |
| Deuteronomio V-7 a 9: n.º 385 a 389. | João VI-29: n.º 301. |
| Salmos CIX-4: n.º 347. | João VI-40: n.º 58 a 84. |
| Isaías I-18: n.º 340. | João VI-47: n.º 58 a 84. |
| Joel II-32: n.º 81. | João VI-48 a 50: n.º 304. |
| Malaquias I-11: n.º 345. | João VI-51 e 52: n.º 305. |
| Mateus I-18: n.º 396. | João VI-53: n.º 306. |
| Mateus I-20: n.º 397. | João VI-54: n.º 307. |
| Mateus I-24: n.º 397. | João VI-55: n.º 89 e 308. |
| Mateus I-25: n.º 398 e 399. | João VI-56: n.º 309. |
| Mateus VI-12: n.º 297. | João VI-57: n.º 310. |
| Mateus VIII-2: n.º 62. | João VI-58: n.º 311. |
| Mateus VIII-8 a 10: n.º 62. | João VI-59: n.º 312. |
| Mateus IX-2: n.º 64. | João VI-61: n.º 313. |
| Mateus IX-23: n.º 62. | João VI-62 e 63: n.º 314. |
| Mateus X-2: n.º 151. | João VI-64: n.º 315. |
| Mateus XIII-55 e 56: n.º 400. | João VI-67 e 68: n.º 316. |
| Mateus XV-11: n.º 198. | João VI-69 e 70: n.º 317. |
| Mateus XV-22 a 28: n.º 63. | João X-27 e 28: n.º 90. |
| Mateus XVI-17 e 18: n.º 159 a 168. | João XI-25 e 26: n.º 58 a 84. |
| Mateus XVIII-1 a 4: n.º 178 a 180. | João XI-49 a 52: n.º 250. |
| Mateus XVIII-17: n.º 187 a 190. | João XIV-13 e 14: n.º 377. |
| Mateus XVIII-19 e 20: n.º 191. | João XIV-21: n.º 71. |
| Mateus XIX-14: n.º 268 nota. | João XV-7: n.º 377. |
| Mateus XIX-16 e 17: n.º 4 e 70. | João XVII-1 a 3: n.º 89. |
| Mateus XX-25 a 27: n.º 182 a 184. | João XVII-20 e 21: n.º 249. |
| Mateus XXV-31 a 43: n.º 74. | João XX-23: n.º 288 a 290. |
| Mateus XXVI-26 a 28: n.º 318 a 322. | João XXI-15 a 17: n.º 171 a 177. |
| Mateus XXVIII-19: n.º 285. | Atos II-38: n.º 276 e 277. |
| Mateus XXVIII-20: n.º 261. | Atos II-47: n.º 94. |
| Marcos I-15: n.º 68. | Atos X-43: n.º 270. |
| Marcos VI-3: n.º 400. | Atos X-44 a 48: n.º 284. |
| Marcos VIII-29 e 30: n.º 186. | Atos XVI-30 e 31: n.º 58 a 84. |
| Marcos XIV-22 a 24: n.º 318 a 322. | Atos XVII-11: n.º 254. |
| Marcos XVI-16: n.º 58 a 84; n.º 286. | Atos XIX-18: n.º 296. |
| Lucas I-34: n.º 395. | Atos XXII-6: n.º 279. |
| Lucas II-7: n.º 398. | Romanos I-16: n.º 58 a 84. |
| Lucas XI-4: n.º 297. | Romanos III-28: n.º 115; 122 a 125. |
| Lucas XXII-19 e 20: n.º 318 a 323. | Romanos IV-4 a 7: n.º 134. |
| Lucas XXII-31 e 32: n.º 162. | Romanos VI-23: n.º 89 e 135. |
| João I-42: n.º 158. | Romanos VIII-1: n.º 86. |
| João III-5: n.º 274 a 281. | Romanos VIII-15: n.º 98. |
| João III-16 a 18: n.º 58 a 84. | Romanos VIII-16: n.º 97. |
| João III-36: n.º 58 a 84. | Romanos X-11: n.º 58 a 84. |
| João IV-23: n.º 883. | Romanos X-13: n.º 81. |
| João V-24: n.º 58 a 84; 89. | |

Romanos XI-6: n.º 131.
 1.º Coríntios I-18: n.º 95.
 1.º Coríntios III-11: n.º 163.
 1.º Coríntios IX-5: n.º 211.
 1.º Coríntios IX-22: n.º 235.
 1.º Coríntios X-4: n.º 160.
 1.º Coríntios X-16: n.º 349.
 1.º Coríntios X-21: n.º 349.
 1.º Coríntios XI-23 a 25: n.ºs 318 a 323.
 1.º Coríntios XI-25: n.º 325.
 1.º Coríntios XI-27 a 29: n.º 324.
 1.º Coríntios XI-29: n.º 221.
 Gálatas I-3: n.º 256 (nota).
 Gálatas II-16: n.ºs 115, 117 a 119.
 Efésios II-4 a 9: n.ºs 88, 138.
 Efésios IV-1 a 5: n.º 251.
 Colosenses II-18: n.º 370.
 1.º Tessalonicenses V-21: n.º 255.
 1.º Timóteo II-5: n.ºs 372 a 374.

1.º Timóteo III-15: n.º 264.
 1.º Timóteo IV-16: n.º 265.
 2.º Timóteo I-8 e 9: n.º 131.
 2.º Timóteo I-12: n.º 92.
 2.º Timóteo III-16: n.ºs 253 e 263.
 Tito III-3 a 8: n.ºs 132 e 280.
 Hebreus VII-25: n.º 93.
 Hebreus X-26: nota no fim do n.º 338.
 Hebreus XI-1: n.º 61.
 Hebreus XI-6: n.ºs 4 e 61.
 Hebreus XIII-10: n.º 348.
 Tiago V-16: n.º 295.
 Tiago V-16 a 18: n.º 377.
 1.º Pedro III-20 e 21: n.º 281.
 1.º Pedro V-1: n.ºs 185 e 357.
 1.º João I-7: n.º 271.
 1.º João I-9: n.º 294.
 1.º João V-10 a 13: n.º 89.
 Apocalipse II-17: n.º 161 nota.
 Apocalipse XIX-10: n.º 371.
 Apocalipse XXII-9: n.º 371.

BIBLIOGRAFIA

- BAILLY (A.) — Dictionnaire Grec Français, Hachette. Paris 1950.
 BELARMINO (Cardeal Roberto) — Opera Omnia. Tomo 3.º Nápoles 1872.
 BENOIT-LAUAUD (M.) O. P. — Sectes Modernes et Foi Catholique. Aubier, Paris 1954.
 BÍBLIA SAGRADA — Traduzida segundo a Vulgata Latina pelo P.º António Pereira de Figueiredo. Garnier. Rio. 1881.
 — Traduzida da Vulgata pelo P.º Matos Soares. Tipografia Porto Médico Ltda Porto.
 — Tradução de João Ferreira de Almeida. Imprensa Bíblica Brasileira. Rio. 1951.
 — Tradução Brasileira. Sociedade Bíblica do Brasil. Rio. 1954.
 BILLOT (Cardeal Luiz) S. J. — De Ecclesia Christi. 5.ª edição. Roma. 1927.
 — De Verbo Incarnato. 8.ª edição. Roma. 1942.
 — De Ecclesiae Sacramentis. 8.ª edição. Roma. 1947.
 BOSSUET (Cardeal) — Oeuvres Choieses de Bossuet. Tomos 2.º e 3.º. Hachette Paris. 1892, 1894.
 BOUYER (Luís) — Du Protestantisme a l'Eglise. Editions du Cerf Paris. 1954.
 ROYER (Carlos) S. J. — Tractatus de Gratia Divina. Roma. 1952.
 BUENO (Daniel Ruiz) — Padres Apostólicos. Madri. 1950.
 CORNELI A LAPIDE — Commentaria Scripturae Sacrae. Vivès. Paris.
 CORNELI (Rodolfo) S. J. — Commentarius in S. Pauli Epistolas (aos Romanos) Lethielleux. Paris. 1896.
 — Commentarius in S. Pauli Epistolas (1.º aos Coríntios). Lethielleux. Paris. 1909.
 — Commentarius in S. Pauli Epistolas (2.º aos Coríntios). Lethielleux. Paris. 1909.
 CRIVELLI (P.º Camilo) S. J. — Directorio Protestante de la América Latina. Isola del Liri. Itália. 1933.
 — El Mundo Protestante: Sectas. Sociedad de Educación Atenas. Madri. 1959.
 — El Mundo Protestante: Misiones. Sociedad de Educación Atenas. Madri. 1954.
 DENIFLE (Henrique) O. P. — Luther et le Luthéranisme. Tradução de J. Paquier Paris. 1912, 1913.
 DENZINGER (Henrique). Enchiridion Symbolorum. Herder. Barcelona. 1953.
 DOELLINGER (J.) — La Reforme et les resultats qu'elle a produits. Tradução de Perrot. Paris. 1848, 1849.
 DUBOIS (P.º Florêncio) — O Biblismo. Rio. 1920.
 EYMENEX (Antonino) — Deux Arguments pour le Catholicisme. Editions Spes. Paris. 1923.
 FOLLION (L. Cl.) — La Sainte Bible commentée d'après la Vulgate et les textes originaux. Letouzey et Ané. Paris. 1930.
 FILOGRASSI (I.) S. J. — De Sanctissima Eucharistia. Roma. 1953.
 FRANCA (P.º Leonel) S. J. — A Igreja, a Reforma e a Civilização. Livraria Católica. Rio. 1928.
 — Catolicismo e Protestantismo. 2.ª edição. Agr. Rio. 1952.
 — O Protestantismo no Brasil. 3.ª edição. Agr. Rio. 1952.

- FRANZELIN (Cardeal João Batista) — Tractatus de SS. Eucharistiae Sacramento et Sacrificio. Roma. 1878.
- GALTIER (Paulo) S. J. — De Poenitentia. Tractatus Dogmatico-Historicus. Roma. 1950.
- GARRIGOU-LAGRANGE (Reginaldo) O. P. — De Eucharistia. Desclée de Brouwer. Paris. 1943.
— De Gratia. Berruti. Turim. 1947.
- HERTLING (L.) S. J., E. Kirschbaum, S. J. — Le Catacombe Romane e i loro martiri. Roma. 1949.
- HURTER (H.) S. J. — Theologiae Dogmaticae Compendium. Livraria Acadêmica Vagneriana. Innsbruck. 1900.
— Sanctorum Patrum Opuscula Selecta — vol. XII — comentários de H. Hurter. Livraria Acadêmica Vagneriana. Innsbruck. 1894.
- INITIATION BIBLIQUE — publicada sob a direção de A. Robert e A. Tricot. Desclée. Paris. 1948.
- JANSEN (João) — L'Allemagne et la Réforme. Tradução de E. Paris. Plon. Paris. 1887, 1911.
- JOURNEL (M. J. Rouët de) S. J. — Enchiridion Patristicum. 17.ª Edição. Herder. Barcelona. 1951.
- KIRSCHBAUM (Engelberto) S. J., Junyent (Eduardo) e Vives (José) — La Tumba de San Pedro y las Catacumbas Romanas. Biblioteca de Autores cristianos. Madri. 1954.
- KITTEL (Rodolfo) — Biblia Hebraica. Stuttgart. 1954.
- KNABENBAUER (José) S. J. — Commentarius in S. Pauli Epistolas (Efésios, Filipenses e Colossenses). Lethielleux. Paris. 1912.
— Commentarius in S. Pauli Epistolas (aos Tessalonicenses, a Timóteo, a Tito e a Filemon). Lethielleux. Paris. 1913.
- LAGRANGE (P.º J. M.) O. P. — Évangile selon Saint Matthieu 8.ª edição. Gabalda. Paris. 1948.
— Évangile selon Saint Marc. Gabalda. Paris. 1947.
— Évangile selon Saint Luc. 8.ª edição. Gabalda. Paris. 1948.
— Évangile selon Saint Jean. 8.ª edição. Gabalda. Paris. 1948.
- LEPICIER (Fr. Aleixo Maria) — Tractatus de Beatissima Virgine Maria Matre Dei. 4.ª edição. Paris. 1912.
- LIEBERMANN (Fr. Leopoldo) — Institutiones Theologicae. Nápoles. 1860.
- MALDONADO (João de) S. J. — Comentarios a los Evangelios de San Marcos y San Lucas. Madri. 1954.
— Comentarios al Evangelio de San Juan. Madri. 1954.
- MARITAIN (Jacques) — Trois Réformateurs. Plon. Paris. 1925.
- MAZZELLA (Cardeal) — De Religione et Ecclesia. Prati. 1906.
- MOEHLER — La Symbolique. Tradução de F. Lachat. Vivès. Paris.
- MOHEAU (E. de), Pierre Jourda, Pierre Janelle — Histoire de l'Église. 16.º volume. Bloud et Gay. Paris. 1950.
- NESTLE (Eberardo) — Novum Testamentum Graeco et Latine. Stuttgart. 1930.
- NOVO TESTAMENTO — Tradução do Mons. Dr. José Basílio Pereira. Mensageiro da Fé. Salvador. 1955.
- OTTIGER (Inácio) S. J. — Theologia Fundamentalis. Tomo 2.º. Herder. Freiburg in Breisgau. 1911.
- PALMIERI (Domingos) S. J. — Tractatus de Poenitentia, 2.ª edição. Prati. 1896.
— Tractatus Theologicus de Novissimis. Prati. 1908.

- PEDÁVOLI (Fr. Celestino de) O.F.M.C. — Mais um triunfo do Catolicismo sobre o Protestantismo. A Província. Recife. 1898.
- PESOH (Cristiano) S. J. — Prelectiones Dogmaticae. Herder. Freiburg in Breisgau. — Compendium Theologiae Dogmaticae. Herder. Freiburg in Breisgau.
- PIROT (Luis) — La Sainte Bible. Texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique. Letouzey et Ané. Paris.
- RAHLFS (Alfredo) — Septuaginta. 5.ª edição. Stuttgart. 1952.
- ROCHA (D. José Maurício da) — Doutrinando. S. Paulo. 1932.
- RONDET (Henrique) S. J. — Gratia Christi. Beauchesne. Paris. 1948.
- TANQUERREY (A.) — Synopsis Theologiae Dogmaticae. Desclée. Roma. 1920.
- VACANT (A), E. Mangenot, E. Amann — Dictionnaire de Theologie Catholique. Letouzey et Ané. Paris.
- VIGNON (Henrique) S. J. — Adnotationes in Tractatum de Virtutibus Infusis. Gregoriana. Roma. 1943.
- VIGOUROUX (F.) — Dictionnaire de la Bible. Letouzey et Ané. Paris.
- ZORELL (Francisco) S. J. — Léxicon Graecum Novi Testamenti. Lethielleux. Paris. 1931.
— Léxicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti. Instituto Bíblico Pontificio. Roma. 1955.

★
*Este livro foi composto e impresso nas
oficinas gráficas de SARAIVA S. A., d
Rua Sampson, 265, São Paulo (Brasil)
em julho de mil novecentos e cinqüenta
e oito, 404º Ano da Fundação da
Cidade de São Paulo.*

★